

Frei Luís de Granada e a Companhia de Jesus: A Convergência

Maria Idalina Resina Rodrigues
Universidade de Lisboa

Nem sempre acontece que bem conversem e mutuamente se enalteçam aqueles que a seu cargo têm a mensagem da concórdia entre os homens de boa vontade e a disseminação de um *verbo* que requer o esbater das diferenças e o entrelaçar dos esforços.

É, infelizmente, o que muitas vezes verificamos nos nossos dias; é, infelizmente, o que aprendemos duma lição do passado que lamentamos até nós ter chegado.

Mas haja Deus, que as exceções são muitas e com uma delas gostosamente nos vamos entreter.

Trata-se, num encontro sobre a Companhia de Jesus, de fazer chegar ao conhecimento de alguns uma amostra dos afectuosos encarecimentos que, sobre ela, continuada e calorosamente, desfiou Frei Luís de Granada, um frade dominicano de alma e coração, espanhol de nascimento, mas também português pelos anos, e foram muitos, que, neste solo, viveu, pregou, admoestou e serviu as boas causas.

O cruzamento dos testemunhos

Na sua *Chronica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*, Baltasar Teles, recapitulando as muitas dificuldades, alguns dissabores e uns quantos apoios, encontrados pelos padres jesuítas, particularmente aquando da sua fixação em Évora, afirma, dando azo à sua gratidão, ao comentar a atitude do Cardeal D. Henrique:

Ajudou também muito a mudar dos pensamentos sinistros que de nós tinha a sancta conversasam, e boas advertências, que neste particular lhe dava o muy Religioso Padre frey Luis de Granada, da sagrada Ordem dos Prégadores, a quem devemos eternas obrigaçoens.¹

Muitos anos após esta *aventura eborense*, na advertência *Al Cristiano Lector*, que introduzia uma das suas derradeiras e mais divulgadas obras, na busca de uma compensação para as perdas sofridas pela Igreja Católica na Alemanha e na Inglaterra, alegando os caminhos abertos para a propagação da fé nos territórios recém-adquiridos na África e no Oriente, saúda Frei Luís os missionários que generosamente se dispunham a trocar a placidez do mundo conhecido pela arriscada tarefa da conquista espiritual dos mundos a conhecer.

Se é verdade que todos eles têm jus ao seu aplauso, não é menos verdade que para alguns vão sinais de um especial carinho:

Mas porque la mies es copiosísima, y todas las naciones de gentiles están dando voces y pidiendo cristiandad, y para desmontar tantas breñas como hay en ellas, eran necesarios más obreros, la divina Providencia – que nunca falta en las cosas necesarias – ofrecida esta ocasión, determinó multiplicar los obreros, y así, (...) crió otra nueva religión de los padres de la Compañía de Jesús, los cuales, desocupados de todos los otros ejercicios que este ministerio les pudieran impedir, todo su estudio y trabajos emplean en el negocio de la salvación de las ánimas, no sólo en las tierras cultivadas de los fieles, sino también en las incultas de los herejes y infieles, navegando hasta el cabo del mundo; y esto con tanto fruto que ya tienen ofrecidas las primicias de sus trabajos a los pies del vicario de Cristo.²

Moral da *história*, fechando o circuito aberto com a convicção de um jesuíta e encerrado com as certezas de um dominicano: mais de três décadas tinham corrido (c.1550-1583) e o companheirismo não esmorecia; Frei Luís, insistentes, nunca se arrependeu de ter terçado armas pela nova instituição religiosa; para ela frequentemente teve palavras de apreço; quando escrevia ou quando pregava; intercedendo, acompanhando, estimulando; para muitos dos seus *filhos* foi um familiar chegado, um confidente, um conselheiro que também aceitava conselhos.

¹ Balthazar TELLES, *Crónica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*, Lisboa, Paulo de Craesbeek, 1645-1647, I, 512

² Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XII, *Sumario de la Introducción del símbolo de la Fe y Modo de catequizar*, Edición y Nota Crítica de Álvaro HUERGA, Madrid, 1997, 446.

+++

Acrescentemos que aos estudiosos de Granada sempre têm parecido óbvias as raízes andaluzas da sua simpatia pela Companhia, ou seja, fácil seria ter-se ele deixado contaminar pela admiração que por ela mostrava João de Ávila, com quem muito conviveu, sobretudo entre 1534 e 1550 (os encontros posteriores terão sido esporádicos em Priego³); aliás, na *Vida del Padre Maestro Juan de Ávila*, que redigiu, perto do fim da vida, a pedido do Padre Diego de Guzmán⁴, não só refere pormenorizadamente os conselhos dados pelo beato ao próprio Diego de Guzmán, a Don Antonio de Córdoba e a Diego Ramírez para que na Companhia fizessem os seus votos, como comenta o seu intento, ao sentir aproximar-se a morte, de vir a ser sepultado no colégio dos padres jesuitas, aspiração que, após o seu falecimento, sem hesitações se cumpriu, sendo que «los padres de la Compañía de Jesús llevaron su cuerpo a la iglesia de la misma Compañía, donde está sepultado en la capilla mayor, a la parte del Evangelio y hízose en la pared un arco para poner la caja en que está el cuerpo, y una losa en la cual están escritos estos versos (...)».⁵

Razões não faltam a tais estudiosos; o prometedor relacionamento com a nova Ordem seria apenas mais uma consequência da bem guardada ensinança de João de Ávila; da sua influência nos rumos da espiritualidade granadina se têm, aliás, ocupado todos os biógrafos.⁶

Do Colégio do Espírito Santo à Universidade de Évora

O agradecimento ao padre de S. Domingos pela bem sucedida interferência no acolhimento dos jesuítas na cidade de Évora ficou registado na frase com que iniciei este trabalho. Importa, porém, olhar mais de perto os acontecimentos e inventariar-lhe causas e faseamento.

³ Álvaro HUERGA, *Fray Luis de Granada. Una vida al servicio de la Iglesia*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1988, 45-46. Talvez o último encontro tenha ocorrido em 1552, quando do falecimento do conde de Feria.

⁴ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XIX, *Epistolario*, ed. cit., 1988, 144-145. Frei Luis reconhece as suas diminutas forças para tão oportuno escrito, mas decide-se a ele, solicitando *memoriais* e outros papéis de que possam dispor alguns de quantos, com João de Ávila, conviveram.

⁵ Fray Luis de GRANADA, *Obras Completas*, XVI, *Biografías*, I, ed. cit., 1997, 117.

⁶ Álvaro HUERGA, *Fray Luis de Granada*, ed. cit., 47-91. Nestas páginas se inventariam as formas e a fortuna deste trato, sobretudo durante a estada de Granada em Escalaceli. Note-se também que, do lado dos jesuítas, esteve Frei Domingo de Valtánas que lhes dedicou uma das suas *Apologias*, a XII (1556-1558).

Há quem defenda⁷, mas sem alargada concordância, que, num conselho de estado realizado em 1540, o Cardeal teria insistido na partida dos Padres Simão Rodrigues e Francisco Xavier para a Índia, alegando, a par da já existência em Portugal de muitas Ordens monásticas, os hipotéticos perigos de uma pregação de religiosos que, em França, bem poderiam ter sido contaminados pela heresia protestante.

No entanto, enviados por Santo Inácio, como pronta resposta a uma manifestação da vontade de D. João III de beneficiar do trabalho apostólico dos novos obreiros, apenas, e como sabemos, o primeiro embarcaria, sendo que Simão Rodrigues se quedou pela metrópole, com o encargo de reforçar o contingente.

Não foi, além disso, e se é que existiu, um tal juízo de D. Henrique impeditivo da rápida fixação da Ordem na Casa de Santo Antão de Lisboa (1542) e no Colégio de Coimbra (1542, igualmente).

Simplesmente, a inovadora metodologia da oração e, muito especialmente, a prática dos *Exercícios* levantaram os rumores dos mais desconfiados e D. Henrique chegou a ordenar a abertura de um inquérito; tendo os resultados sido extremamente favoráveis ao novo Instituto, ele próprio veio a solicitar, em 1550, para o Arcebispado de Évora, um pequeno grupo de sacerdotes ao qual, mais tarde, viria a confiar o Colégio do Espírito Santo para a preparação do clero.

Como ficou dito (e redito), alguma força deve ter tido também o amigável *empurrão* dado por Granada para a consolidação da cardinalícia confiança.

Cronistas e panegiristas não o calam e mostram-se penhorados.

E, admitamos, foi talvez esta simpatia pela Companhia que, sem demérito para o largo reconhecimento dos seus dotes de orador, veio a justificar a sua escolha para pregador, na Catedral, de um sermão destinado a encarecer, perante os cristãos, a fundação do novo Colégio. Embora se desconheça o texto exacto, ficou a certeza de que os novos padres foram apresentados como «varoens apostólicos, apostados a procurar com todas as forças o bem das almas e renovar, na Igreja de Deus, a sanctidade de costumes».⁸

E mais se sabe que o *retrato* seria confirmado pela comunidade diocesana que muito favoravelmente reagiu à prática apostólica dos novos padres.

⁷ Balthazar TELLES, *Chronica*, I, ed. cit., 48; Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, tomo I, volume II, Porto, 1931, 607-608. Os pareceres dos dois cronistas não coincidem, sendo Francisco Rodrigues um defensor do apreço do Cardeal pela Companhia, desde os primeiros momentos.

⁸ Balthazar TELLES, *Chronica*, I, ed. cit., 517.

Depois de abrigado numas casas da rua da Mesquita e no Paço, onde vivia D. António, Prior do Crato, o novo Colégio passou, em 1554, para o edifício definitivo.

Ainda que mais sumárias do que as de Baltasar Teles, outras referências à disponibilidade de Frei Luís para colaborar com os jesuítas, nesta fase, se podem recolher em escritos como a *Évora Ilustrada*, do Padre António Franco, que caracteriza a sua pregação como a de quem «sempre de coração estimou e amou muito a Companhia⁹», e a *Évora Gloriosa*, do Padre Francisco da Fonseca, que distingue o dominicano como um dos religiosos a quem a Companhia mais deve, não apenas por directamente sempre a ter defendido e animado, como também pela benéfica influência que teve junto de importantes vultos da Igreja, como Frei Bartolomeu dos Mártires e Frei Bartolomeu Ferreira.¹⁰

Seguindo as pegadas dos seus antecessores, também os modernos comentadores das vicissitudes da Companhia de Jesus, entre nós, encarecidamente referem o papel de Luis de Granada em prol dos discípulos de Santo Inácio; entre eles conta-se o Padre Francisco Rodrigues que relata ter, em 1566, Leão Henriques S. J., confessor do Cardeal, repetido ao seu Geral um pensamento do frade dominicano, segundo o qual «ainda que a Companhia não fizesse outro serviço a Nosso Senhor senão povoar as Ordens religiosas de pessoas de espírito e letras, era muito assinalado o serviço que lhe fazia».¹¹

E mais garante afiançar ele que só no hábito era diferente dos jesuítas e que, no sermão de boas vindas, a que já se aludiu, lhes reservou a alto propósito de restituir a Igreja contemporânea à santidade da Igreja primitiva, previsão esta que a fortuna do Colégio do Espírito Santo se encarregaria de comprovar.

Não admira por isso que a sua presença fosse amiudadas vezes requerida em actos da Companhia.

Em 1556, por exemplo, lá estava ele entre os muitos religiosos que assistiram à festa da abertura do ensino das Artes, durante a regência do Padre Inácio Martins, num pátio das Escolas especialmente enganalado e repleto de assistentes, sob a presidência do bispo de Targa, D. Manuel dos Santos.

⁹ António FRANCO, *Évora Ilustrada*, Évora, edição de Armando de GUSMÃO, 1945, 225.

¹⁰ Francisco da FONSECA, *Évora Gloriosa, Epílogo dos quatro tomos da Évora Ilustrada, que compôs o R.P.M. Manuel Fialho da Companhia de Jesu*, Roma, Oficina Komarekiana, 1728, 325.

¹¹ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus*, tomo I, vol. I, ed. cit., 491. As observações aparecem num contexto de inventário dos cuidados com a formação dos jovens nos noviçados.

Nem admira que, no mesmo ano de 1556, em carta de 31 de Março (a S. Francisco de Borja?) se solidarizasse com quantos jesuítas estavam a ser alvo de injustas e caluniosas censuras por parte de um padre de S. Domingos, convicto de que apenas sobre o caluniador poderia recair o desgastro divino e intentando consolar o seu destinatário:

Alégrese vuestra reverencia, que la Compañía procede por los mismos términos por donde procedió la primitiva Iglesia, y iay de Roma, cuando le faltare Car-tago!

Lo que a vuestra reverencia pido es que ruegue a nuestro Señor en celo de perfecta caridad que no nos azote por la culpa de uno, que éste es el mayor temor que tengo.¹²

Dois anos mais tarde, o elogio à primeira Escola inaciana em Évora reforçar-se-ia na apresentação a D. Henrique dos *Treynta y dos Sermones*, de Frei Juan de la Cruz, quando, num conjunto de reflexões sobre a missão do bom prelado, distingue, entre as grandes linhas programáticas do destinatário, a formação do clero, para a qual, de diversos modos, ele contribuiu, atento ao bem viver dos escolhidos, às carências das localidades, ao equilíbrio entre o enraizamento e a disponibilidade requerida a esses *missionários internos*.

Para o que não se poupava a diligências e inovações:

Para esto fundó también el Colegio de los Padres de la Compañía de Jesus con grandes y magnificéntissimas expensas y rentas, para que en él se enseñe no solamente latinidad y lenguas, sino también artes y teología, y se crien aquí otros para predicadores, como allí se crian para confesores.¹³

Não deixa de ser curioso sublinhar que, exactamente em 1558, os justos favores de D. Henrique à jovem Companhia atingiram um dos seus pontos mais altos com a passagem do Colégio do Espírito Santo a Universidade; positivamente avaliado o rendimento dos estudos ali seguidos, multiplicaram-se as iniciativas e, da parte do Sumo Pontífice, chegaram, em Setembro, as letras *Ad personam vestram* que sancionavam a vasta actividade desenvolvida.

¹² Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 32. Não é de estranhar a relação com S. Francisco de Borja que, aliás, esteve em Portugal por quatro vezes: 1553, 1557, 1560-1561 e enquanto Geral (entre 1565 e 1572).

¹³ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 208. O perfil do bispo ideal foi por várias vezes abordado por Luís de Granada, no contexto de uma preocupação comum aos espirituais da época.

+++

Deslocado, entretanto, para Lisboa, Granada nem por isso se esquivou a acompanhar o percurso da pujante instituição, quer sobre ela escrevendo, quer participando em actos académicos ali recorrentes, como seria de esperar.

Em 1575, de intenções postas nos pregadores que por lá se iam apurando, redige a *Ecclesiastica Rhetorica*, que dedica à própria Universidade, congratulando-se pela maturidade atingida no incansável esforço ao serviço do aperfeiçoamento dos apóstolos da palavra.

Da sua leitura, salta aos olhos não apenas o domínio das estratégias do bom orador (com muita bibliografia percorrida e assimilada), mas igualmente a indesmentível capacidade da reformulação escrita dos já longos hábitos de uso do púlpito, onde quer que, no seu caminho, ele se encontrasse.

No entanto, será sobretudo quando, de um modo ou outro, está em causa a personalidade do Cardeal, que o frade dominicano mais insistentemente se espria no panegírico tão amiude repetido.

Fá-lo na carta *Al Cristiano Lector* que, em 1575, abre as *Meditações e Homilias* compostas por D. Henrique («fundador del Colegio y Universidad de la ciudad de Évora y de otros Colegios de la Compañía de Jesus¹⁴»), fá-lo na dedicatória ao Arquiduque Alberto na *Historia de las virtudes y oficio pastoral del Srmo Cardenal Don Enrique* (recapitula toda a trajectória do Colégio e da Universidade com indicações muito precisas sobre frequência e especializações¹⁵) e, evidentemente, na primeira parte da *biografía* em questão, onde, regozijando-se com o elevado número de pregadores instruídos na cidade alentejana, certa e graciosamente nos passa esta informação:

De esta manera, pues, como este negocio se comenzó puramente por Dios, así Él lo favoreció: porque sucedió tan prosperamente, que de ahí a algunos años fueron muchos graduados así en artes, como en teología. Y de los teólogos salían tantos a predicar las cuaresmas, que ningún lugar, por pequeño que fuese carecía de predicador. De modo que como antes faltaban predicadores para los lugares, agora ya faltaban lugares para los predicadores.¹⁶

Isto, pelo que a textos pessoais respeita.

Quanto a participações activas em actos académicos, fácil nos é igualmente reunir indicativos; assim, temos notícia de que, no acto público de teolo-

¹⁴ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 228.

¹⁵ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 278-279. Não esquece ainda Frei Luís a edificação do Hospital e a reformação de algumas Ordens.

¹⁶ Fray Luis de GRANADA, *Biografías*, I, ed. cit., 129.

gia em que se doutorou Inácio Martins (1570), por indicação do rei, Frei Luís colocou dois dos dezasseis argumentos e, acabado o acto, saudou entusiasticamente o saber do antes candidato;¹⁷ no doutoramento de Pedro da Fonseca foi um dos padrinhos, tendo, na véspera da celebração do acto, pregado um admirável sermão;¹⁸ e outros contactos não devem ter faltado, dada a intimidade que, tanto ele como o Padre Jorge Serrão, primeiro professor de teologia, primeiro chanceler da Universidade e seu reitor entre 1565 e 1569, austero provincial, entre 1570 e 1574, e, mais tarde, director da casa professa de S. Roque, deveriam manter entre si, já que ambos tão assiduamente a cultivavam com o cardeal D. Henrique¹⁹. Jorge Serrão viria mesmo a ter o doloroso encargo de transmitir ao prelado a derrota de D. Sebastião em Alcácer Quibir.

Mas há mais: em Lisboa, foi o dominicano solicitado para colaborar na remodelação de alguns livrinhos manuscritos, de que os Padres da Companhia se serviam no ensino da doutrina, segundo um método aqui difundido pelo padre Pedro Parra da província de Aragão que suscitara algumas dúvidas às autoridades mais conservadoras. Este seria o ponto de partida da *Doutrina Cristã* de Marcos Jorge e Inácio Martins, suficientemente conhecida e estudada.²⁰

Ainda as «dívidas» ao Cardeal D. Henrique

Ficou claro, claríssimo, que, com muita frequência, os contactos amigos entre Frei Luís de Granada e a Companhia de Jesus passavam pela comum ligação ao Cardeal D. Henrique.

Por volta de 1586, falecido o prelado em 1580, o dominicano concebe o projecto de escrever a história da sua vida, de modo a evitar que fossem lançadas ao esquecimento dos vindouros as suas virtudes humanas e pastorais. O escrito, relativamente breve e de mediano valor literário (Frei Luís estava já muito idoso), só seria publicado postumamente na edição de *Obras Completas* organizada por Frei Justo Cuervo (XIV, Madrid, Fuentenebro, 1906).

A verdade, porém, é que o autor se empenhou a fundo no seu trabalho, não se limitando a preparar para a estampa um texto em espanhol, mas, sobre-

¹⁷ António FRANCO, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus do real Collegio do Espírito Santo de Évora do Reyno de Portugal*, Lisboa, Oficina Real Deslandiana, 1714-1719, 55.

¹⁸ António FRANCO, *Imagem da Virtude*, ed. cit., 56.

¹⁹ J. M. QUEIROZ VELOSO, *O Reinado do Cardeal D. Henrique*, Lisboa, 1946, 397.

²⁰ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus*, tomo I, vol.II, ed. cit., 457-459. A obra foi publicada em Lisboa em 1561, reeditada em Braga em 1566 e, de novo, em Lisboa em 1609. Do único exemplar da *Doctrina Christã* conhecido (até esta data) em uma edição do século XVI – Lisboa, Manuel de Lira, 1592 –, fez o C.I.U.H.E. uma edição facsimilada (acompanhada de uma breve introdução) celebrativa do colóquio de que se publicam estas actas.

tudo, socorrendo-se dos possíveis contactos para que alguém mais jovem e competente o traduzisse ao latim e assim lhe reservasse alargada difusão.

Desta preocupação, encontramos suficientes provas em cartas ao Geral Claudio Aquaviva e ao Padre Carlos Bascapé, autor de uma contemporânea biografia bilingue (italiano e latim) do Cardeal Borromeo, que Luis de Granada²¹ muito gostaria de ver em volume conjunto com o seu modesto contributo.

São particularmente significativas, do nosso ponto de vista, as duas epístolas a Aquaviva, por nelas se assumir a cada momento, talvez como tentativa para conseguir uma tradução latina de Gian Pietro Maffei (que em Lisboa deve ter estado talvez entre 1579 e 1584²²) para a compilação de materiais que lhe permitissem elaborar uma história latina dos feitos dos portugueses no Oriente (o que se veio a verificar) ou, talvez, admitamos, sem qualquer espécie de *manha*, um nunca desmentido afecto pela Ordem de Santo Inácio e o apelo para uma revisão motivadora do muito que, ao Cardeal, esta era devedoura.

Reparemos, então, em alguns excertos em que tal dedicação incontornavelmente vem ao de cima.

Em Dezembro de 1586, ao iniciar a correspondência com o Geral da Companhia:

No creo que extrañará Vuestra Revd.ma Paternidad escribirle yo sin haberle visto ni servido, pues pienso que sabrá cuán antiguo hijo soy de esa sancta Compañía; y esto me movió en parte a escribir las historias de dos vidas: una del padre maestro Juan de Ávila (...); la otra es del serenísimo cardenal Don Enrique, que despues fue rey de Portugal (...).²³

Em Abril de 1587, depois de insistência no anterior pedido:

En esto no tengo más que decir, ni en otra cosa, sino ofrecerme a V. P. Revd.ma como verdadero hijo suyo, que no menos lo soy que todos los que están debajo de su obediencia, aunque sea el hábito diferente.²⁴

²¹ Encontramos as missivas ao Padre Bascapé em *Epistolario*, 137-139, 145-147, 150-151, 157-159, 163-164. Nelas se prestam repetidas contas das diligências feitas junto do Geral da Companhia e se insiste na oportunidade de reunir as *biografías*. Isto, pouco depois do agradecimento pela notícia da exemplar morte do Cardeal italiano, cuja lição Luis de Granada afirma ter partilhado com os padres da Companhia (*Epistolario*, 137).

²² Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 72. Na carta a Felipe II, de 9 de Fevereiro de 1581, Luis de Granada tem ocasião de elogiar a eloquência de Maffei que lhe leu algumas páginas da obra que começava a trazer entre mãos.

²³ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 154.

²⁴ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 161.

E atentemos de seguida no *nada inocente* alerta para as obrigações da Companhia para com D. Henrique:

Y el intento del padre don León [Henriques] y el mío era para que V. Revd.ma Paternidad mandase al padre Mafeo, o a quien mejor le pareciese, que la volviese en latín [a *Vida reliogísima del cardenal don Henrique*], para que corriese toda la Cristiandad y todos se aprovechasen de los ejemplos y virtudes que en ella hallarán, y reconociesen la devoción y amor grande que este religiosísimo Príncipe tuvo a la Compañía de Jesus. (...)Y por esto y por lo que la Compañía debe a este Príncipe, remetí esta traslación a las manos de V.Revd.ma Paternidad, pues tiene cabe sí personas que puedan hacer esto muy bien hecho.²⁵

Chegou Frei Luís a saber que Maffei estava demasiado ocupado para poder emprender a desejada versão, mas continuou esperançado em que outro latinista a poderia levar a bom termo²⁶; a verdade, contudo, é que ela nunca teve lugar, provavelmente porque Claudio Aquaviva não teria encontrado no texto suficiente qualidade para merecer uma tradução.

E, convenhamos, tinha alguma razão. A avançada idade roubara ao grande escritor dominicano muito do seu talento para deleitar e aproveitar a quem o lesse.

De idêntico enfraquecimento se ressentem as restantes *biografias*.

Santo Inácio, o grande

Não tão idoso era, porém, Pedro de Ribadeneira (levava 41 anos de Companhia²⁷) quando, em Julho de 1581, Frei Luís o felicitava por se ter decidido a pôr em letra de forma a vida de Santo Inácio, simultaneamente o esclarecendo sobre algumas dúvidas relativas à prática do coro e sobre novas adesões à Companhia.

As suas palavras não poderiam ser mais calorosas:

Huelgo mucho que ponga vuestra reverencia en lengua común la Vida de su padre, y ha días que deseaba yo esto, para que se conociese la traza y orden de las obras de Dios, la cual se vio en la fundación de la Iglesia cristiana, y agora se ha visto en la de la Compañía, la cual de tan humildes principios y tantas con-

²⁵ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 160.

²⁶ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 163. Numa missiva a Bascapé, queixa-se Frei Luís de poucas forças e de se sentir impossibilitado de encetar uma tradução latina.

²⁷ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 79.

tradiciones llegó en poco tiempo a la cumbre en que agora la ha puesto Dios. Y esta tan grande prosperidad y multiplicación de casas y de colegios, aún en tierras de herejes, manifestamente declaran ser Dios el autor y fautor de la Compañía, porque de esta manera crecen las cosas en que El pone su mano.²⁸

Pelo menos três anos mais tarde, já a obra tinha sido oferecida a Granada pelos inacianos de Portugal («como a hijo antiguo que saben ser yo de la Compañía²⁹»), Ribadeneira fará a sua oferta e o feliz contemplado não se cansará de elogiar os méritos do *biógrafo* que foi capaz de aliar a «prudencia» e a «eloquencia», o «espírito» e a «doctrina» e manifestou a rara capacidade de tecer justificados louvores a «su instituto, sin perjuicio de todas las otras Ordenes (antes con grande loa de todas ellas y de sus institutos)».³⁰

Na *Vida*, de Ribadeneira, fica uma perfeita imagem de todas as virtudes de Inácio de Loiola; da sua leitura, em que Luís de Granada só encontrou motivos para edificação e contentamento, todos recolherão sugestões para um exemplo a imitar e, afinal o que mais importa, a certeza de que «el padre Ignacio no murió, sino que está tan vivo retrato de virtud en esas letras como si lo estuviera entre nosotros, y ahí lo tienen siempre vivo sus hijos, para ver en él, no la carne y sangre, sino su espíritu y vida y ejemplos de virtudes.»³¹

De milagres se fala também, mas, parece-me, apenas daqueles que implicaram conversões porque é maior «fruto la mudanza de los ánimos que la de los cuerpos», e desses milagres há que ter admiração já que «qué mayor milagro que haber tomado Dios a un soldado desgarrado, y sin letras, y tan perseguido del mundo, por instrumento para fundar una orden de que tanto fruto se ha seguido, y que en tan breve tiempo se ha extendido por todas las naciones del mundo?»³²

Também a versão latina da obra lhe chegou às mãos e com ela muito se congratulou, pois assim «todas las naciones extranjerias de Francia y Alemania»³³ ficariam habilitadas a conhecê-la e a dela retirar o correspondente enriquecimento espiritual, além de que, espera o frade de S. Domingos, os próprios

²⁸ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 79.

²⁹ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 129.

³⁰ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 130.

³¹ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 131.

³² Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 131. A concisão, no que a milagres respeita, diferencia cabalmente esta *Vida*, de Ribadeneira, de *De vita et moribus Ignatii Loiolae*, que Maffei faria imprimir em 1585. Os tempos tinham mudado e os milagres tornaram-se necessários para reclamar a santidade.

³³ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 153.

ingleses lhe não ficariam insensíveis («y también creo que no menos fruto ha de hacer en Inglaterra, donde hay muchos católicos escondidos³⁴»).

Com Pedro de Ribadeneira seguiria a correspondência, ora dando-lhe Frei Luís incentivo para redigir outras vidas de santos inacianos, ora confessando, sem receio de *pieguice*, o quanto se comoveu com a leitura de outra obra sua [*La Cisma de Inglaterra*]:

Todo el libro pasé de tabla a tabla, y lloré muchas lágrimas en algunos lugares de él, mayormente en la muerte de la reina de Escocia». ³⁵

A partilha

Nem só com mútuos encómios se alimenta a amizade, nem só em tempos de *paz* se manifestam as identidades.

Como todos nós, neste imperfeito mundo, Frei Luís de Granada travou as suas *guerrilhas*; *guerrilhas* declaradas por desatentos questionadores, mas em que sempre teve do seu lado aliados e defensores.

De tais contratempos, que, de resto, não foram numerosos, e dos quais sempre saiu relativamente vencedor, omito o rol das dificuldades durante a crise dinástica, por devidamente estudadas repetidas vezes³⁶, e retenho dois de, aliás, desigual gravidade.

Em 1559, teve de deslocar-se a Valladolid para defender a ortodoxia das suas obras, incluídas no *Catalogus librorum qui prohibentur*, coordenado por Melchor Cano e sancionado pelo arcebispo Valdés que acabaria por dar o nome ao Índice (como *Índice* de Valdés ficou conhecido); conseguiu, apesar das dificuldades («de manera que, al no venir yo acá, *actum erat de negotio prorsus*», dirá a Carranza³⁷), autorização para reformular o *Libro de la Oración y Meditación* (relativamente poucas modificações) e o *Guia de Pecadores* (o novo seria quase outra obra); para essa permissão contava, cuidava ele, com insuspeitas influências, entre as quais a de S. Francisco de Borja que desfrutava de grande prestígio na corte; se uma tal intervenção teve ou não lugar, não se chegou a saber, porque a verdade é que o próprio jesuíta acabou por cair nas malhas do

³⁴ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 153.

³⁵ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 178.

³⁶ Álvaro HUERGA, *Fray Luis de Granada*, ed. cit., 208-256. Independentemente da análise de Huerga, percebemos que não foi fácil ao dominicano orientar-se na crise da sucessão de Portugal, embora a Felipe II sempre tenha afirmado a sua lealdade.

³⁷ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 36.

descontentamento inquisitorial, ao que parece por não terem os *exigentes* esquadrihadores de livros apreciado em demasia as *Obras del cristiano*.³⁸

Seja como for, a confiança humana de Granada não foi irrelevante, do ponto de vista que nos ocupa, e o envolvimento de S. Francisco em reprimendas inquisitoriais apenas veio confirmar afinidades no programa espiritual de ambos.

Naquele ano de 1559, os excessos dos censores de Valladolid aconselhavam a prudência e a entreaajuda dos mais adentrados pelo reforço da vida interior e pela relativa secundarização do ritualismo (isto em apressado resumo, claro); Luis de Granada e os inicianos estavam do mesmo lado da barricada; sem subvalorizar a delicadeza da situação, o dominicano escreveria com bom humor: «No querría ir al cielo por Valladolid».³⁹

Passam os anos, os livros de Frei Luís são respeitados, particularmente desde o Concílio de Trento, a sua figura intelectual e religiosa não cessa de prestigiar-se, mas, inesperadamente, de novo, em 1576, há quem se disponha a levantar suspeitas sobre a sua ortodoxia; sobre a sua e sobre a de alguns padres de outra Ordem que não é difícil supor ser a Companhia de Jesus.

Em carta a Gabriel de Zayas, o dominicano conta assim as coisas, remetendo para o aval de D. Fernão Martins Mascarenhas:

(...) don Fernán Martínez (...) que como testigo de vista referirá la aprobación de nuestro *Libro de la oración*, que fue hecha en el Concilio y confirmada por Pio IV.

Digo esto porque un religioso ha levantado agora una tempestad contra este Libro y contra otros padres de otra Orden, sobre la cual hay mucho que decir y poco o nada que escribir; pero el capellán que allá está del Cardenal Infante dará a vuestra merced cuenta larga de todo. Y por ella verá vuestra merced la envidia que nuestro adversario tiene a todo lo bueno, y los espiritus engañados que levanta contra ello.⁴⁰

Não havia razão para receios; a protecção de D. Henrique estava assegurada e o tal adversário de Frei Luis e dos jesuítas (de seu nome, Frei Alonso de la Fuente), a gosto ou a contragosto, teria de remeter-se a um futuro silêncio. Ao contrário do que ele procurava demonstrar, o frade de S. Domingos e os outros acusados estavam definitivamente livres das suspeitas de *alumbrados*.

³⁸ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 36, nota 97.

³⁹ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 36. O relacionamento com os familiares de S. Francisco, nomeadamente com D. Juan de Borja, deixou vários ecos no *Epistolario* (55 e 118).

⁴⁰ Fray Luis de GRANADA, *Epistolario*, ed. cit., 54-55.

+++

Outras situações de interesses partilhados e outras vias do frutuoso entendimento entre Luis de Granada e a jovem Companhia se poderiam inventariar; seriam umas quantas notas soltas que não fazem grande falta para acentuar o que creio ter ficado suficientemente acentuado: simpatia, amizade, coincidência de perspectivas sempre colocaram a par e passo o nosso dominicano e os discípulos de Santo Inácio.

Compreendiam-se, actuavam concertadamente, reclamavam-se quando as circunstâncias o requeriam.

Afinal, e reforçemos a nossa introdução pela positiva, como avisados pregadores da mesma doutrina, como transmissores do mesmo legado cristão que, sem impedir a diversidade dos herdeiros, nunca espartilhado deve ser.

Antes, porém, de rematar este esboço de empatias e simpatias, e porque o meu texto, apesar dos rápidos apontamentos de cronistas da Companhia, aparece essencialmente travejado a partir de testemunhos das cartas e *biografias* de Granada, penso não ficar mal aduzir alguns informes (exagerados?) de Luis de Muñoz sobre o zelo com que os inicianos seguiam os ensinamentos do padre de S. Domingos.

Os homens passam, os *mandamentos* ficam:

Leen sus obras públicamente en sus Refitorios muchas veces en el año; repítense continuamente hasta acabarse, sin admitir otra lección que la interrumpa. No hay celda de particular Religioso en que el Padre Fray Luis no sea inquilino; y encargan a todos las lean frecuentemente. (...) Aconsejan a todos los que tratan, estudien en estos celestiales libros, por el gran provecho que han experimentado los Confesores en que los lean sus hijos espirituales.⁴¹

+++

Neste ano de 2004, celebra-se o quinto centenário do nascimento de Frei Luis de Granada; os dominicanos portugueses e espanhóis estão a lembrar-se do evento.

Seria *bonito* que também a Companhia de Jesus o não esquecesse.⁴²

⁴¹ Luis de MUÑOZ, *Vida y virtudes del venerable varón el Padre Maestro Fray Luis de Granada de la Orden de Santo Domingo*, Madrid, Antonio de Sancha, 1782 (1ª ed. de 1639), 467-468.

⁴² Parte do que aqui escrevi, já por mim tinha sido ligeiramente abordado em *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal* (1554-1632), Madrid, 1988.